

Vem me fazer feliz

» RICARDO DAEHN

Descortinada entre o poente e um alvorecer magistralmente registrados, a estreia de Ana Rieper em longa tem por miolo uma intimidade que pega carona na itinerância vista em fitas da dupla Karim Ainouz (O céu de Suely) e Marcelo Gomes (Viajo porque preciso...). No trajeto captado — que passa por povoados, rincões e cabarés —, Vou rifar meu coração se vale do avanço por cômodos simples, recheados de ricas histórias pulsantes; da latente necessidade de corpos imperfeitos (em

que a barriguinha está mais cotada do que os músculos); e de cangotes carentes de uns “cheiros”.

Tudo isso é descrito, com legitimidade, por anônimos que parecem perseguir trecho da música Perdido na noite — “uma promessa de amor ideal”. O hiato entre a MPB e a “música popular de Ipanema” (demarcado por Odair José), o mesmo que, virtualmente, segrega o “preto, feio e do cabelo duro” Agnaldo Timóteo, sem sobrenome elitizado (“não sou um Buarque de Hollanda”), é também tema tratado por Ana Rieper no longa que encerrou, ontem, a mostra

competitiva do 44º Festival de Brasília.

Sem apego a declarações redundantes dos entrevistados, a montagem de Pedro Asbeg amplia leque de emoções — se há fraturas irremediáveis na trajetória do largado frentista Maguila; o riso se instala pelo político Osmar, que estabilizou o adultério, harmonizando “matriz e filial”. Por igual, as perspectivas de um filme detido na poesia dura extraída do amor se alargam, desprovidas de preconceito: quem remexe nas músicas de Waldick Soriano & companhia esbarra no sorriso cafajeste de Wando (“qualificado pelas mulheres”); na graça e sabedoria apócrifas dos populares (“beija em cima, que acende embaixo”) e nas contradições da “sofrida alma” de Lindomar Castilho, responsável por um “erro” supremo, diante

de alegada irracionalidade do ciúme.

A falta de previsibilidade joga muito a favor de Vou rifar meu coração. No mínimo é curioso, por exemplo, saber que o “raparigueiro” Walter de Afogados (de Morango do Nordeste) curte Deep Purple e Black Sabbath. Num exame tão fundado na verdade quanto o balaústre que sustenta as origens da música defendida por Amado Batista, Ana Rieper, na aventura emocional que conduz, desvela a falsidade impregnada no romantismo de novela. Caem, daí, os conceitos de idealização, brotando a passionalidade e “problemas de amor” que equiparam “pedreiros a médicos”. Sem recalque, ao fim, pesa a identificação com uma noitada de excessos e dores que acomete qualquer espectador, quer ele se veja “brega” ou não.